

10

Caracterização de um modelo psicolinguístico do processo tradutório

No capítulo 3 foram apontadas questões que devem ser consideradas ao se pensar em um modelo do processo tradutório de cunho psicolinguístico que represente o caráter dual do processo de tradução, que dê conta do processamento de informação, de operações mais automáticas e também metacognitivas do monitoramento da atividade etc. A sugestão de um modelo do processo tradutório com base em evidências da tradução de DPs com múltipla modificação também deve, de certa forma, apontar custos diferenciados envolvidos no processo tradutório. Sendo assim, considerou-se que a discussão sobre custo e os resultados das três atividades experimentais fossem fundamentais para prover uma caracterização mais detalhada do modelo, conforme será feita aqui.

Deve-se ressaltar, no entanto, que não se trata de uma caracterização nova, mas sim baseada em pesquisas e modelos anteriores e no que se pôde observar e concluir neste trabalho a respeito do processamento e do processo tradutório de DPs complexos com múltipla modificação. Pretende-se, com a sistematização do modelo, caracterizar o processo tradutório de DPs com múltipla modificação a partir de um enfoque que integre a Psicolinguística e os Estudos da Tradução.

Vale destacar que o modelo não tenta ser prescritivo e, sabe-se, não dá conta de tudo o que envolve um processo tão complexo. A intenção de representar um modelo é justamente a de tentar organizar e unir vários dos pontos mencionados e discutidos na tese.

10.1

O modelo do processo tradutório de caráter psicolinguístico

Para elaborar um modelo do processo tradutório de caráter psicolinguístico, é necessário assumir algumas posições, conforme foi feito no capítulo 3 e será feito ao longo deste capítulo. É preciso, em primeiro lugar, levar em consideração que o tradutor compreende o texto-fonte em uma língua e produz o texto-alvo em outra língua (sendo o tradutor, portanto, um bilíngue); que os processos de compreensão e produção abrangem etapas; que as etapas de leitura do texto-fonte e de produção do texto-alvo podem ser percorridas de forma linear

e/ou não linear (processamento sequencial ou simultâneo); que a tradução envolve operações mais automáticas, bem como processos heurísticos, envolvendo estratégias e tomadas de decisão, e que é sempre monitorada por um “aparato” que aqui é chamado de “monitorador”. Além disso, deve-se considerar que a tradução consiste em resolução de problemas, que, por sua vez, envolve conhecimento declarativo e procedimental (Wilss, 1998); que as tomadas de decisão estão relacionadas tanto a um contexto macro (a visão do texto como um todo, a sua intenção, o seu público-alvo) quanto a um micro (aspectos linguísticos) e fazem parte da competência tradutória, e que a compreensão do aspecto procedimental da tradução é fundamental para o desenvolvimento da competência tradutória. Esse tipo de conscientização auxilia o planejamento da atividade de tradução.

Além disso, no caso do processamento em tradução, por este envolver duas línguas, é necessário assumir uma posição em relação a como estaria organizado o conhecimento lexical na memória do bilíngue. Assume-se aqui uma visão que vai ao encontro dos preceitos do Programa Minimalista, uma vez que são considerados dois léxicos distintos, um para L1 e outro para L2 e um único sistema computacional partilhado pelos dois sistemas linguísticos.

Diante do exposto nas subseções acima e do que foi discutido ao longo deste trabalho, acredita-se que haja elementos suficientes, ainda que as possibilidades não sejam esgotadas, para se apresentar um modelo de orientação psicolinguística do processo tradutório considerando o DP com múltiplos modificadores como unidade de tradução.

O modelo aqui caracterizado irá incorporar alguns componentes e propostas dos modelos apresentados no capítulo 2. Acredita-se que a variedade de modelos já propostos na literatura dê uma ideia da dificuldade de organizar as etapas e processos subjacentes à atividade tradutória e de se dar conta de processos inconscientes, mas, ao mesmo tempo, mostra a importância de se pensar e conhecer esses processos, sendo eles úteis tanto para o ensino de tradução quanto para as pesquisas na área, o que pode proporcionar uma maior conscientização entre alunos e profissionais de tradução.

Cada sugestão de modelo, portanto, não esgota as possibilidades de exploração, mas ilumina novos caminhos. Sendo assim, o modelo esboçado nesta pesquisa pretende atrelar o que se acredita ser importante nos outros modelos às

observações acerca do processo tradutório de DPs complexos com múltiplos modificadores.

Para fins de clareza, a representação esquemática do modelo será apresentada, separadamente, em três níveis: no primeiro nível (esquema 1), explicitam-se as operações envolvidas nos blocos automático e reflexivo, considerando-se operações automáticas e estratégias de solução de problemas; no segundo nível (esquema 2), dá-se destaque às representações e operações mentais associadas à compreensão na língua-fonte e produção na língua-alvo, sem perder de vista a monitoração do texto produzido. No terceiro nível (esquema 3), busca-se detalhar os processos de *parsing* e formulação/codificação do DP em si. Aspectos associados à diferença de ordenação entre modificadores e núcleos nas duas línguas, à incrementalidade na análise da estrutura do DP, bem como os processos de monitoração e ajustes em função do resultado da tradução são explorados nesse último esquema.

Conforme foi visto, além de ser uma estrutura prototípica de referenciação, fato fundamental para a comunicação, acredita-se que os DPs possam ilustrar bem o que ocorre tanto nas etapas automáticas do processo quanto nas etapas metacognitivas (fase mais consciente do processo). Além disso, os DPs podem trazer uma discussão acerca da incrementalidade ainda em uma fase mais automática do processo. Essas questões serão retomadas ao longo da apresentação das etapas do modelo.

Aqui será incorporada a ideia de que as etapas do processo tradutório se dividem em dois grandes blocos. Com base na divisão proposta por Königs (1987) e que foi retomada por Alves (1997; 2000; 2013) – apresentada no capítulo 2 desta tese –, o modelo aqui proposto apresentará um bloco automático, que compreende os processos mais automáticos, e outro reflexivo¹⁴⁶, que engloba processos mais estratégicos e conscientes. Ainda que outros modelos também deixem implícita ou explicitamente a ideia de que há etapas que ocorrem em um nível mais automático e outras em um nível mais consciente, será usada aqui a

¹⁴⁶ Em teorias de processamento humano de sentenças, faz-se referência a reflexo e reflexivo para distinguir dois estágios em modelos de *garden-path*. O primeiro, de natureza reflexa, se daria de forma automática. O *parser* então atuaria de forma automática, “sem acesso inicial a informações semânticas e pragmáticas”. Já o segundo estágio – o reflexivo –, de natureza mais consciente, seria aquele em que a informação semântica e pragmática seria integrada ao resultado das operações estruturais iniciais (cf. Maia e Finger, 2005: 15-28).

terminologia cunhada por Alves (1997), que foi inspirada pelo trabalho de Königs (1987).

Para tanto, assume-se que as etapas de compreensão e produção envolvidas no processo tradutório ocorrem no bloco automático. Assumir que as etapas de compreensão e produção em tradução ocorrem no bloco automático envolve considerar também que o procedimento *default* é o processamento de informação em um nível mais inconsciente, sendo o confronto com um problema e tentativa de solução do mesmo o responsável por “alertar” o monitorador para a necessidade de utilização de procedimentos mais conscientes e, portanto, de uma maior reflexão a respeito do problema, o que necessariamente envolve a utilização de múltiplas estratégias, incluindo as tomadas de decisão.

Considerando os blocos automático e reflexivo e tomando o DP como unidade de tradução no texto-fonte, o tradutor pode percorrer alguns caminhos. Em geral, a tradução do DP ocorre no bloco automático, a partir do *parsing* da estrutura em inglês e da formulação de uma estrutura correspondente em português, mesmo que esta unidade de tradução seja provisória, podendo ser revista logo em seguida, ainda na fase de redação ou posteriormente, na fase de revisão.

Se houver bloqueio processual (Alves 1997, 2000) (correspondente à resposta não no esquema 1, abaixo), há dois caminhos possíveis. O tradutor pode se manter no bloco automático e se ater ao apoio interno em um nível menos consciente, apoiando-se na memória de curto prazo (mecanismo de apoio interno) e nas inferências realizadas. Se, nesse processo, a solução for encontrada, o tradutor se mantém no bloco automático e dá prosseguimento à tarefa, partindo para uma outra unidade de tradução. Caso a solução ainda não tenha sido encontrada, ele pode partir então para o bloco reflexivo de modo a realizar buscas internas (à memória de longo prazo, às bases de conhecimento enciclopédico, linguístico, ao sistema de inferências) e/ou externas (consultas a dicionários, à internet, a especialistas etc.). A solução foi encontrada? O tradutor então volta para o bloco automático com o intuito de retomar a etapa em que parou. A solução não foi encontrada? Há um bloqueio do processo e duas saídas possíveis. O tradutor continua no bloco reflexivo e lança mão de outras estratégias e tomadas de decisão para solucionar determinado problema e então voltar para o bloco automático, até produzir a tradução, mesmo que esta seja ainda uma tradução

provisória. Ou, ainda, ele pode interromper a atividade. Segundo Alves (2000:116), esse bloqueio pode ser consequência tanto da falta de competência linguística quanto de competência tradutória, fazendo com que o tradutor entre em um “círculo vicioso”.

O bloqueio do processo é evidenciado pelas pausas, já discutidas no capítulo 7. No caso do estudo inicial, as pausas longas no Translog®, conjugadas com as imagens mostradas no Camtasia®, puderam evidenciar a interrupção do fluxo para que o tradutor buscasse apoio interno (fato comprovado pela ausência de registro de digitação ou movimento com o *mouse* e pela expressão pensativa dos tradutores) ou apoio externo (buscas na internet e em dicionários).

Conforme mostra o esquema geral abaixo, o bloco automático compreende o acesso à memória de curto prazo, que é um procedimento de apoio interno. Aqui se consideram dois tipos de apoio interno, um no nível inconsciente, em que se acessa a memória de curto prazo para tentar recuperar uma informação, e outro em um nível de consciência maior do processo, presente no bloco reflexivo. Os procedimentos mais automáticos ocorrem no bloco automático. O processo de revisão *on-line*, ou seja, o da revisão durante a fase de redação, também pode ser considerado como um processo mais automatizado, conforme visto no capítulo 7, com um nível de consciência menor e pouco distanciamento – o que implica aproveitamento da informação contida na memória de curto prazo e menos reflexão, possivelmente acarretando menos custo – com relação aos textos-fonte e alvo.

Considera-se aqui que as etapas de compreensão da língua-fonte e produção da língua-alvo ocorreriam no bloco automático, sendo o problema o “gatilho” para a passagem para o bloco reflexivo. O modelo sugerido apresenta, portanto, o caráter dual da tradução, se aproximando, assim, da representação sugerida por Bell (1991) e mostrada no capítulo 2. Além dessa divisão das etapas de compreensão e produção no modelo de Bell (as quais caracteriza como fases de síntese e análise, respectivamente), o autor elenca as etapas envolvidas em cada processo, ao mostrar o processamento de informação na língua-fonte, por meio do reconhecimento visual do texto-fonte, o acesso lexical, o *parsing* da estrutura no nível da sentença, a interpretação semântica e uma etapa no nível pragmático, em que se verificam a estrutura temática da sentença, se a informação é marcada ou

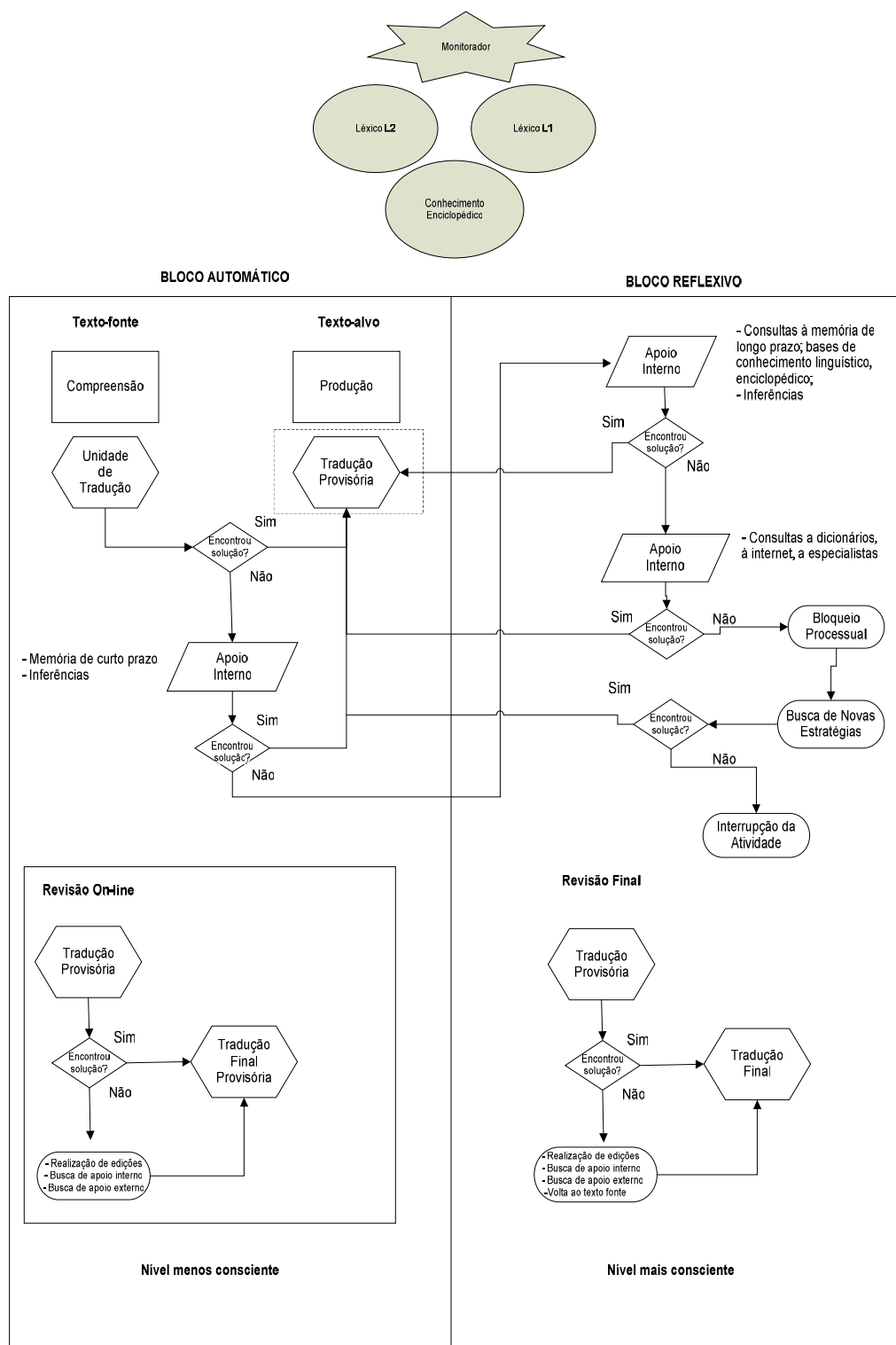
não marcada, e as características estilísticas (tom, modo e domínio do discurso)¹⁴⁷, para que então ocorra a decodificação na língua-alvo (Bell, 1991: 54).

Já no bloco reflexivo, ficariam os processos mais conscientes, como o acesso à informação na memória de longo prazo – um dos procedimentos de utilização do apoio interno. O bloco reflexivo também abarcaria o apoio externo, procedimento este responsável por buscas e consultas a dicionários, enciclopédias, livros, internet e até a especialistas. No bloco reflexivo, também seriam realizadas alterações nas traduções provisórias em uma etapa denominada revisão final, em que há um distanciamento temporal maior com relação ao texto original e à tradução, o que pode implicar a retomada de informação na memória em um nível mais consciente e a necessidade de realizar buscas externas, podendo acarretar um custo associado tanto à recuperação de informação quanto ao tipo de modificação realizada. Ademais, há um nível de consciência maior dos textos-fonte e alvo e uma monitoração mais “ativa”. Na revisão final, caso o tradutor não fique satisfeito com a tradução provisória final, ele poderá voltar ao texto-fonte, recuperar algum tipo de informação e fazer edições na tradução, o que, em tese, acarretaria mais esforço de processamento, nos termos de Alves e Gonçalves (2013), ou simplesmente aceitar aquela tradução provisória como final, o que implicaria um menor esforço.

Os blocos automático e reflexivo teriam duas grandes bases auxiliares, referentes ao conhecimento linguístico e enciclopédico, além do léxico, que servem de apoio interno e externo na fase de resolução de problemas. Essas bases estariam relacionadas às subcompetências bilíngue e extralinguística apontadas no modelo da competência tradutória. Haveria, também, um monitorador, que seria um “aparato” responsável pela monitoração da atividade. Esse monitorador atuaria nos dois blocos e, portanto, em todo o processo tradutório. Sendo assim, considera-se, também, que ele atue como um planejador da atividade, sendo responsável pela análise macro do texto (qual é o tipo de texto, qual é o público leitor, que tipo de linguagem deve ser usada), estando, portanto, atrelado à competência tradutória.

Abaixo, a representação esquemática dos blocos automático e reflexivo:

¹⁴⁷ Essa caracterização tem como base a linguística sistêmico-funcional de Halliday.



Esquema 1: Representação dos blocos automático e reflexivo.

No estudo inicial, apresentado no capítulo 7, a triangulação dos dados do Translog© e do Camtasia© possibilitou analisar o comportamento dos tradutores ao longo da realização da tarefa. Uma pausa mais longa registrada no Translog©, sem a subsequente digitação do texto, em conjunto com uma imagem pensativa no

Camtasia© sem registro de realização de consulta, pode indicar mecanismos de busca de apoio interno, seja no bloco automático ou reflexivo. Pausas breves podem indicar processos em um nível menos consciente, que ocorrem, portanto, no bloco automático. Já as pausas seguidas do registro de apoio externo (consultas a dicionários e à internet) no Camtasia© revelam processos em um nível mais consciente, o que possivelmente indica a atuação no bloco reflexivo.

Retomando a apresentação do modelo, ao mesclar as etapas sugeridas pelo modelo de Bell e as elencadas pelos modelos de compreensão e produção de fala mostrados na literatura em Psicolinguística¹⁴⁸, chega-se às seguintes etapas nas fases de compreensão e produção no processo tradutório:

➤ Compreensão da língua-fonte:

- **Processamento da forma da palavra** – etapa em que ocorre o reconhecimento visual do texto¹⁴⁹;
- **Acesso lexical** – etapa em que ocorre o acesso ao léxico mental com vistas à recuperação da palavra correspondente à forma escrita inicialmente processada;
- **Parsing**¹⁵⁰ – etapa em que se constrói uma representação estrutural/hierárquica dos enunciados linguísticos, com base em

¹⁴⁸ É importante mencionar que, embora se investigue aqui a tradução de textos na modalidade escrita, para elaborar o modelo nesta pesquisa, baseou-se em etapas do modelo de produção e compreensão de fala, já que estes é que caracterizam o processamento de informação em etapas, o que se considera mais informativo acerca dos processos envolvidos. Dentre os modelos de processamento da escrita, é possível citar Hayes e Flower (1980); Bereiter e Scardamalia (1987); Becker (2006) e Garcez (2004). Vale ressaltar que o modelo de Hayes e Flower (1980), por exemplo, caracteriza etapas que se assemelham muito àquelas encontradas em modelos do processo tradutório. O modelo, dividido em três partes, contempla o contexto em que a escrita é produzida, a memória de longo prazo e o processo de escrita. Este, por sua vez, engloba as etapas de planejamento (processos envolvidos na concepção e organização de ideias para que o texto seja produzido), tradução (produção do texto escrito, onde as ideias começam a tomar forma) e revisão (etapa avaliativa em que o escritor avalia o seu próprio texto, podendo editá-lo no nível estrutural ou conceitual, de forma a melhorá-lo). Percebem-se, portanto, um planejamento prévio do que vai ser escrito, uma etapa de escrita e uma etapa de aperfeiçoamento do texto, o que também envolve a monitoração da atividade. As fases do processo tradutório (Jakobsen, 2002) se assemelham às etapas descritas no processo de escrita. Para uma revisão dos modelos de processamento escrito, conferir Lopes (2011).

¹⁴⁹ Basicamente, os modelos de processamento de leitura são divididos entre aqueles em que o acesso lexical se dá via fonologia (hipótese do acesso indireto) ou via o reconhecimento visual das palavras (hipótese do acesso direto) ou, ainda, via rota ortográfica e rota fonológica (hipótese da rota dual).

¹⁵⁰ Aqui se está assumindo uma visão de *parser* em dois estágios. No primeiro estágio, seriam implementadas operações automáticas, de caráter estrutural. No segundo estágio, seriam implementadas operações mais conscientes, em que haveria a integração de informação semântica

informação gramatical representada nos lemas dos itens lexicais recuperados do léxico. “[Trata-se] de um processo não consciente, em grande parte automático”. Só se toma alguma consciência do *parsing*, quando, “por alguma razão, este se torna altamente custoso, o que nos impede de ‘fazer sentido’ do que estamos lendo ou ouvindo” (Corrêa, 2010);

- **Interpretação semântica/pragmática** – etapa em que se apreendem as relações semânticas subjacentes à estrutura sintática. A partir da interpretação semântica, que atribui significado à estrutura sintática, há a integração com outras bases de conhecimento (conhecimento de mundo, sistema de crenças etc.)¹⁵¹;

➤ Produção na língua-alvo:

- **“Conceptualização” da mensagem** – nos modelos de produção, esse nível corresponde ao momento em que ocorre a construção de uma proposição correspondente ao conteúdo da mensagem que será linguisticamente expressa. No caso da tradução, tem-se uma situação particular, já que é possível considerar que a proposição resultante do processo de compreensão será a representação de natureza conceitual que será expressa nos termos da língua-alvo.

- **Acesso lexical** – busca de lemas para intermediar o nível conceitual e o de formulação da estrutura gramatical. No caso específico da tradução, o acesso lexical pode ser mediado pelo outro léxico;

- **Formulação/Codificação gramatical** – etapa em que se organizam os itens de forma hierárquica¹⁵²;

- **Codificação morfofonológica** – etapa em que se buscam lexemas, que são, ao contrário dos lemas¹⁵³, desprovidos de informação sintática,

e pragmática ao resultado das operações estruturais iniciais. Para outros modelos de *parsing*, conferir Gompel e Pickering (2007).

¹⁵¹ O resultado desse processo é uma proposição que, no nível do discurso, será integrada a outras proposições, formando, portanto, macroproposições.

¹⁵² Foge ao escopo desta tese discutir como se implementaria a codificação gramatical. Bock e Levelt (1994), por exemplo, consideram que essa etapa compreenderia dois subprocessos – chamados de processamento funcional e posicional. Para maior detalhamento, conferir o referido texto.

¹⁵³ Lemas não são fonologicamente especificados e são representantes das propriedades sintáticas que são associadas a conceitos lexicais, sendo consideradas instruções para a formulação sintática do enunciado (Levelt, 1989/1999; Bock e Levelt, 1994).

correspondendo a propriedades morfofonológicas de determinado item e que são necessárias para satisfazer às exigências gramaticais e se criar uma representação fonológica;

- **Representação ortográfica** – etapa em que a forma escrita correspondente à representação fonológica é recuperada e o texto é efetivamente escrito.

Os processos de compreensão e produção, conforme já visto no capítulo 3, podem se dar sequencialmente ou de forma simultânea. Alguns modelos, como o de Bell (1991)¹⁵⁴, embora admitam que, na maioria das vezes, os processos não são sequenciais e lineares, preferem, para fins de clareza, apresentar o modelo mostrando os passos de forma sequencial.

No modelo aqui proposto, os processamentos sequencial e simultâneo serão indicados por meio de setas. Se o tradutor percorrer todas as etapas de compreensão para então começar a produzir o texto na língua-alvo, ele estará seguindo um processamento sequencial ou vertical. Já se durante a etapa de compreensão do texto-fonte, as propriedades sintáticas e lexicais das duas línguas envolvidas na tradução forem acessadas, ele estará seguindo um processamento simultâneo ou horizontal.

Cabe destacar, também, que o prosseguimento para a etapa seguinte, seja no processo de compreensão ou de produção, depende, obviamente, da capacidade ou não de se solucionarem problemas. Ao abordar as etapas abaixo, o tradutor poderá percorrê-las no bloco automático ou no bloco reflexivo. Após se esgotarem as tentativas e alternativas de procedimentos e solução no bloco automático, passa-se então para o bloco reflexivo, independentemente das etapas.

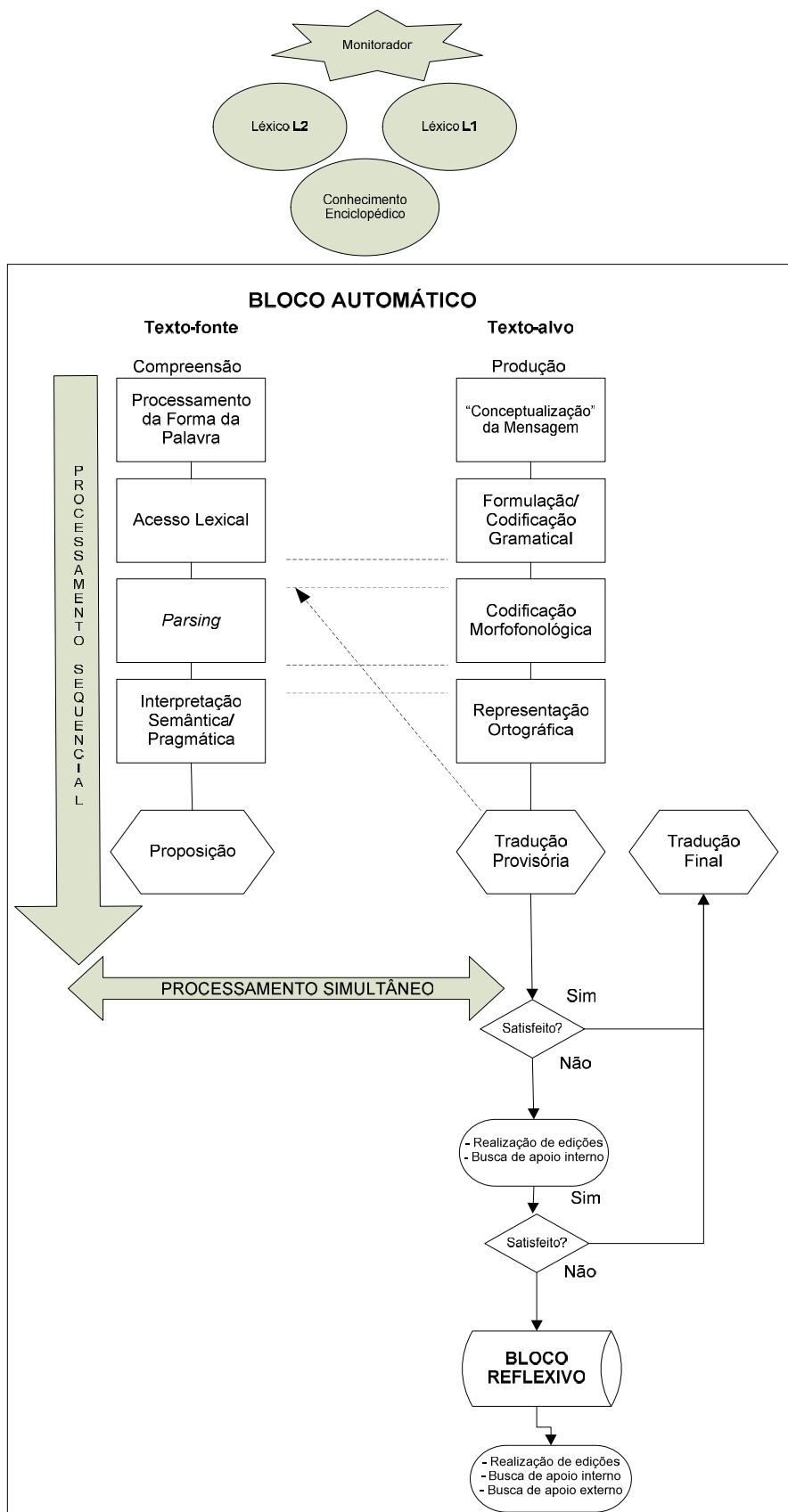
Embora os estudos apresentados no capítulo 3 mostrem que, em geral, a compreensão e produção ocorrem de forma simultânea, o processamento sequencial não pode ser excluído. Conforme já visto, o tipo de processamento

¹⁵⁴ Gile (1995: 109) também afirma que a tradução não segue um fluxo linear bem definido, como sugere o modelo sequencial proposto pelo autor. De acordo com ele, o modelo mostra uma sequencialidade entre compreensão e produção para fins didáticos, embora não reflita a realidade. Segundo Gile, é possível ir à frente e voltar no texto e há também esse movimento para frente e para trás nas fases de compreensão e produção (ou reformulação, nas palavras de Gile). Além disso, há a possibilidade de o tradutor não ter certeza sobre a interpretação de determinada parte do texto-fonte, não compreender alguma unidade de tradução ou, ainda, não conseguir desfazer a ambiguidade de determinada estrutura.

pode também estar relacionado à experiência do tradutor, à familiaridade do mesmo com o tópico ou tipo de texto-fonte e também ao fato de o tradutor se deparar ou não com um problema.

Ainda, as evidências de experimentos dos estudos mostrados nos capítulos 2 e 3 revelam que o tradutor pode traduzir enquanto lê o texto ou ler um texto em busca de uma contextualização mínima. Além disso, ele pode ler um trecho e planejar a tradução mentalmente, tomando algumas decisões já antes de traduzir. No caso do estudo inicial deste trabalho, percebeu-se tanto a tradução enquanto se lia o texto – fato este evidenciado pela fase de orientação curta e também pelo processo da tradução de alguns DPs, em que os participantes identificavam primeiro o núcleo da estrutura, traduzindo-o, e depois então concatenavam os modificadores a ele – quanto uma busca de contextualização e um planejamento prévio antes de traduzir, fato evidenciado pelas buscas por um DP completo na internet e também por buscas de palavras ou tópicos antes do início da atividade.

Caracterizados os processos envolvidos nas etapas de compreensão e produção, é possível acrescentá-los ao modelo em construção. Na representação abaixo, a seta na diagonal indica que sempre é possível, após as etapas de produção, voltar às etapas de compreensão, o que evidencia um processamento simultâneo. O esquema representa as etapas no bloco automático, uma vez que, conforme já mencionado, não havendo problema ao longo do processo, presume-se que o tradutor se mantenha nesse bloco. No entanto, para solucionar qualquer problema, independentemente da natureza, ele parte para o bloco reflexivo, também representado abaixo.

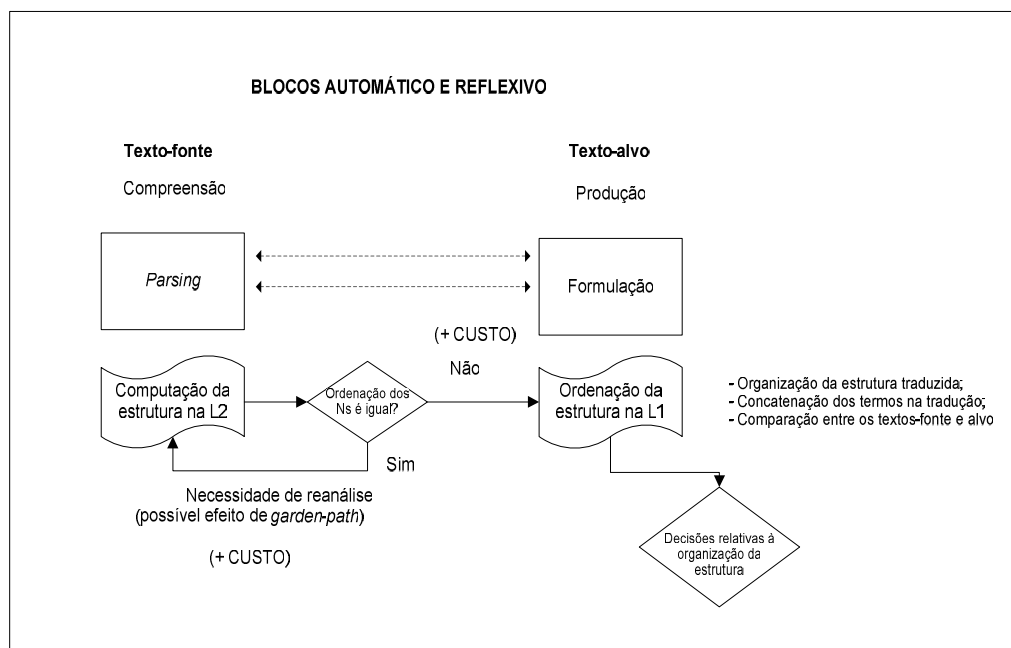


Esquema 2: Representação das etapas de compreensão e produção no processo tradutório.

Feitas essas caracterizações em termos mais gerais, passa-se agora à descrição dos processos envolvidos na tradução de DPs tomados como unidades de tradução.

O esquema apresentado abaixo esmiúça os processos e operações que ocorrem durante o *parsing* do DP no texto-fonte e a formulação da estrutura no texto-alvo. Resolveu-se usar uma “lupa” nessas etapas para discutir melhor custo e o que ocorre na tradução dos DPs. É pertinente lembrar, no entanto, que essas etapas e operações são, na maioria das vezes, inconscientes, ocorrendo, portanto, no bloco automático. Por outro lado, como se sabe, quando o tradutor se depara com um problema nessas etapas, ele pode utilizar estratégias e operações mais conscientes, atuando, então, no bloco reflexivo.

Ao traduzir os DPs, o tradutor deve ter uma noção clara (ainda que inconsciente e/ou automatizada) da diferença de ordenação entre o inglês e o português quanto ao núcleo desse tipo de sintagma; da incrementalidade do processo; da concatenação entre núcleo e modificador; da organização da estrutura na língua-alvo, sempre tendo como comparação a estrutura da língua-fonte, tanto em termos sintáticos quanto semânticos. Todos esses fatores acarretam custos diferenciados, já mencionados no capítulo 6.



Esquema 3: Representação das etapas de *parsing* de DPs complexos e formulação da tradução.

No *parsing* do DP na língua-fonte, há a computação da estrutura da língua estrangeira, em que o *parser* verifica a ordenação do núcleo, operação esta quase sempre inconsciente. O tradutor então se pergunta: a ordenação é igual à estrutura na língua-alvo? Não? Então, é necessário trocar a ordem do núcleo e modificadores no texto-alvo, na etapa de formulação da estrutura na língua-alvo, o que acarreta um custo maior.

Caso o tradutor considere a ordenação de núcleos e modificadores igual nas duas línguas, é porque ele ainda não é capaz de realizar a operação inversa, termo cunhado por Tostes (2005) ou porque, mesmo sendo proficiente em inglês, ele é influenciado pela sua língua materna – o português – e, dada a natureza incremental do processamento¹⁵⁵, acaba tomando o primeiro substantivo como núcleo, podendo cair, portanto, em um *garden-path*. Conforme mostra o estudo de Staub et al. (2007) (já mencionado neste trabalho), há evidências nessa direção. No estudo inicial, verificou-se que o tradutor, muitas vezes, começava a produzir o texto-alvo a partir de uma segmentação equivocada do DP em inglês e, ao voltar para o texto-fonte, percebia que havia ainda mais elementos na estrutura e que o núcleo, na verdade, era o último elemento, sendo necessária, portanto, uma reanálise, o que acarreta um custo maior.

Na atividade de estudo de questionário, alguns participantes escolheram a opção que reproduzia a tradução em que se tomava o primeiro substantivo do DP em inglês como núcleo da estrutura, o que pode indicar que não atentaram para a diferença entre as línguas quanto à posição do núcleo dos sintagmas. Como se tratava de um grupo de alunos novatos, isso pode estar relacionado a uma falta de conscientização com relação a essa diferença ou, ainda à falta de proficiência na língua estrangeira.

A ambiguidade da estrutura na língua-fonte também pode ser percebida apenas na etapa de formulação da estrutura na língua-alvo, o que faz com que o tradutor volte ao texto-fonte e reanalise a estrutura, acarretando também mais custo. Isso corrobora o que foi discutido no capítulo 3 sobre o fato de a produção

¹⁵⁵ Levelt (1999: 88-89) afirma que a noção de produção incremental dá a ideia de que o próximo componente do processamento no fluxo geral de informação pode ter início antes mesmo de o nível anterior ter se encerrado. Isso significa dizer que os diversos componentes de processamento estariam simultaneamente ativos; por exemplo, quando se está falando uma frase, já se está pensando na seguinte. Um outro exemplo é a identificação da ambiguidade. Antes mesmo de finalizar o *parsing* de uma sentença (ou, no caso da pesquisa, de um DP complexo), é possível identificar uma estrutura ambígua e reanalizá-la, não sendo necessário, portanto, esperar o *parsing* da sentença toda (ou do DP todo) para fazer a reanálise.

poder auxiliar a compreensão do texto original. Na etapa de formulação da estrutura na língua-alvo, o tradutor, após ter definido qual elemento é o núcleo, pode iniciar traduzindo o núcleo da estrutura e ir acrescentando os modificadores, considerando a organização dos mesmos na estrutura em português e a concatenação dos termos. É nessa etapa que ele deve tomar uma série de decisões já mencionadas nos capítulos 5 e 6, relativas à ordenação entre núcleos e modificadores e ao número e tipo de modificadores utilizados. Ele deve se perguntar: “A ordem entre núcleo e modificadores está adequada? Há a necessidade de suprimir um modificador ou acrescentar algum tipo de modificador? Quais estruturas serão utilizadas em português? Há uma potencial ambiguidade na tradução? O que poderá ser feito para resolvê-la? Será necessária uma reanálise? Será preciso trocar a ordem das palavras?”.

Há uma avaliação, mesmo que automática, de potenciais combinações ambíguas. Caso haja algum tipo de ambiguidade, o tradutor poderá fazer uns ajustes, de modo a desfazê-la. Pode-se supor que é nesta etapa que o tradutor avalia a estrutura sob o olhar de um falante nativo da língua, tendo, possivelmente, em vista mecanismos de minimização de custo tanto para ele, enquanto tradutor e leitor da língua-alvo, quanto para o potencial leitor da tradução, conforme foi observado no estudo inicial e na tarefa de avaliação de adequabilidade.

Ainda na etapa de formulação, o tradutor pode fazer uma comparação entre o DP no texto-fonte e a estrutura na língua-alvo, sendo necessário manter as duas estruturas na memória de trabalho. Essa comparação pode ocorrer tanto no bloco automático (revisão *on-line*) quanto no bloco reflexivo (revisão após a tradução), o que acarreta custos diferenciados, conforme também já discutido. Essa necessidade de comparação entre tradução e original, além de evidenciada pelo estudo inicial apresentado no capítulo 7, também pôde ser percebida no estudo de questionário e na tarefa de avaliação de adequabilidade, uma vez que vários participantes perguntavam sobre a possibilidade de voltar ao texto original.

Nas etapas do *parsing* do DP em inglês e na formulação na língua-alvo, pode-se dizer que há um custo procedimental, associado a processos mais automáticos, relativos à diferença de ordenação entre núcleos e modificadores nas duas línguas, à computação da estrutura, à concatenação dos termos, à organização da estrutura na língua-alvo e à tentativa de evitar ambiguidades.

A volta ao texto-fonte e a revisão, seja ela *on-line* ou não, mencionadas no capítulo 7, são evidências da monitoração constante da atividade tradutória. Assim como o modelo de Kiraly (1995), apresentado no capítulo 2, que mostrava um monitorador – o *translator's self-concept* (“autoimagem do tradutor”) –, no modelo aqui proposto, prevê-se um monitorador, que atua tanto no bloco automático quanto no bloco reflexivo, conforme antecipado¹⁵⁶. Na fase de revisão do processo tradutório, por exemplo, é possível perceber os ajustes e tipos de ajuste e também uma espécie de “teste” de adequação da estrutura na língua-alvo, em que o tradutor se indaga com um olhar mais voltado para a língua-alvo: será que esta é a ordenação mais adequada em português? É necessário acrescentar ou suprimir algum elemento? É preciso substituir um adjetivo por uma oração relativa, por exemplo? Qual preposição pode ser usada para o PP? A estrutura reproduz o sentido do original e ao mesmo tempo está condizente com a língua-alvo? Esses questionamentos, ainda que inconscientes (que já foram, de certa forma, antecipados nos capítulos 5), fazem parte da tomada de decisão dos tradutores e são também consequência da monitoração da atividade tradutória. As traduções provisórias são produzidas até que se chegue à tradução final, que é aquela que satisfaz ao tradutor, pelo menos dentro do escopo da atividade.

Com relação aos ajustes, conforme já discutido no capítulo 7, os tipos e as fases em que ocorrem podem acarretar custos diferenciados. Quanto ao custo relativo aos tipos de modificação, é importante destacar que algumas alterações são mais simples do que as outras, umas refletem claramente uma comparação entre tradução e original, de modo a tentar reproduzir a mensagem do original; já outras refletem uma preocupação com a naturalidade da estrutura na língua-alvo, o que evidencia o afastamento com relação à língua-fonte e um olhar só voltado para a língua-alvo.

Já com relação à fase do processo tradutório em que as modificações ocorrem, conforme explorado nos capítulos 6 e 7, no que tange ao custo no nível macro (esforço de processamento nos termos de Alves e Gonçalves, 2013), em uma escala do que é menos custoso para o que é mais custoso, é possível

¹⁵⁶ Uma questão para pesquisas futuras diz respeito à exata natureza desse(s) monitorador(es). Levelt (1989), por exemplo, ao caracterizar os processos envolvidos na produção da linguagem, considera que o próprio sistema de compreensão do falante poderia atuar como monitorador da fala.

mencionar, respectivamente, os ajustes realizados na fase de redação, na fase de revisão e nas fases de redação e revisão para um mesmo DP. Menos custoso ainda é se o tradutor não interromper o fluxo tradutório, mantendo o processo no bloco automático.

Sendo assim, se houver alguma alteração quanto à primeira tradução, esta pode se dar, conforme abordado neste trabalho, nas fases de redação, em que se pressupõe um custo menor no que tange ao fluxo tradutório, pois a estrutura da língua-fonte estaria mais ativa na memória, e também uma revisão *on-line*, o que indica a constante monitoração da atividade. No caso da revisão *on-line*, fica claro que há um custo relativo à manutenção, na memória de trabalho, de estruturas nas duas línguas. Dessa forma, se por um lado o fato de não ter de recuperar a estrutura na memória de longo prazo acarreta menos custo, por outro, a manutenção de duas estruturas de línguas diferentes na memória de trabalho torna o processo custoso. No entanto, se for implementada a ideia de uma memória de trabalho de longo prazo (Ericsson e Kintsch, 1995), que seria fruto da procedimentalização de alguns processos e da melhoria dos mecanismos de recuperação de informação, poderia haver uma minimização de custo. Essa procedimentalização e otimização da memória visando a um esforço menor é exatamente consequência do desenvolvimento da competência tradutória e da *expertise*.

Ainda, segundo Ericsson e Kintsch (1995: 48), é ponto pacífico que, para alcançar o desempenho experto, os indivíduos adquirem conhecimento específico de um domínio, além de novos procedimentos. No entanto, os autores acreditam que os indivíduos também “adquirem habilidades relativas a um domínio específico para expandir a capacidade da memória de trabalho, desenvolvendo métodos de armazenamento de informação na memória de longo prazo de forma acessível”¹⁵⁷, de modo que determinado tipo de informação possa ser recuperado mais facilmente, o que minimizaria o custo relativo à manutenção e recuperação de estruturas na memória. Isso significa dizer que procedimentos mais eficientes podem ser desenvolvidos e os métodos de decodificação de informação na

¹⁵⁷ “(...) they acquire domain-specific skills to expand working memory capacity by developing methods for storing information in LTM in accessible form.”

memória de longo prazo, refinados, o que tem como consequência a minimização do custo.

Diante do que foi mencionado e discutido aqui, ainda que o modelo sugerido não dê conta de todos os processos envolvidos na tradução – até porque muitos deles são resultados de deduções e observações a partir de dados cada vez mais refinados, embora não a ponto de se ter certeza do que se passa na mente dos tradutores –, acredita-se que ele sirva para uma maior conscientização do processo tradutório, o que inevitavelmente contribui para a otimização da atividade e a melhoria dos resultados tradutórios.

Acredita-se, também, que o modelo aqui apresentado contribua para o estudo de aspectos procedimentais da tradução, na medida em que evidencia os caminhos que o tradutor tem de ou pode percorrer ao longo do processo. Tais caminhos envolvem tanto operações mais automáticas quanto metacognitivas, das quais muitos não têm consciência, mas podem passar a ter, o que inevitavelmente afetaria o desempenho do tradutor de forma positiva. Segundo Liparini Campos (2010: 23),

[h]avendo prática deliberada, ocorrem mudanças cognitivas que reestruturam a organização do conhecimento e aumentam a procedimentalização [que seria a transformação do conhecimento declarativo em procedimental] do conhecimento de domínio, levando a processamentos automáticos que exigem menos esforço.

A procedimentalização (referente à conscientização do passo a passo do processo de tradução, conforme visto no capítulo 1), portanto, também pode ser considerada um mecanismo que visa à minimização de custo.

Ademais, é importante frisar que a competência tradutória é um componente importante na tradução, pois é ela que guia o tradutor ao longo da atividade, auxiliando-o no planejamento da mesma e nas tomadas de decisão, nos níveis macro ou global do texto-fonte e micro ou local do mesmo.